

correio da

# educação

[Clique aqui para aceder à versão PDF](#)

## AGENDA

### **“A História Debaixo da Terra” – Ciclo de Conferências de Arqueologia 29 de Janeiro**

A arqueologia faz a reconstituição do passado humano através do estudo da cultura material, ou seja, dos vestígios deixados pelos nossos antepassados, desde a pré-história. É a única fonte de conhecimento da nossa História no que respeita às épocas anteriores à escrita sendo, por isso, uma ciência fundamental para nos compreendermos e conhecermos. Sob este enquadramento, terá lugar, a 29 de Janeiro, a Conferência [“Megálitos. Porquê ali?”](#), a cargo de Teresa Mira de Azevedo. Na **Biblioteca-Museu República e Resistência, em Lisboa**, pelas 18h30.

**“Relação entre**

## ACTUALIDADE

### **Professores avaliadores podem recusar observação de aulas de avaliados**

Os professores avaliadores que tenham de observar aulas de colegas no âmbito do processo de avaliação de desempenho podem recusar-se a fazê-lo, alegando que se encontram em greve. [Público](#)

### **Professores prometem mais protestos se Governo não resolver “conflito”**

Os sindicatos prometeram "novas greves e manifestações" se o Governo não resolver o "conflito" com os docentes, ultrapassável com uma revisão "positiva" do Estatuto da Carreira Docente (ECD). [Público](#)

### **Avaliação docente: projecto do CDS é “questão crítica” para o Governo**

O Parlamento volta a debater o processo de avaliação de professores, pela mão do CDS, e o Governo não escamoteia a importância do resultado dessa votação, por enquanto uma incógnita. [Público](#)

### **Manuais escolares em avaliação ascendem a 118**

O Ministério da Educação tem em curso a avaliação de 118 manuais escolares. Os manuais distribuem-se pelas disciplinas de Físico-Química, Ciências Naturais, Estudo do Meio e Língua Portuguesa. [ME](#)

**Portugal e o Mar” –  
Ciclo de  
Conferências  
“Horizontes do  
Futuro”**

**29 de Janeiro**

A Câmara Municipal de Loulé vai lançar o ciclo de conferências "Horizontes do Futuro", no qual se pretende trazer a Loulé personalidades ligadas às mais diversas áreas que farão apresentações sobre temas onde a sua actuação pública se tem distinguido. Às quintas-feiras, uma vez por mês, a cidade recebe grandes nomes da Economia, Política, Cultura e outras áreas de interesse. A primeira conferência conta com a participação de Adriano Moreira que fará uma abordagem ao tema "[Relação entre Portugal e o Mar](#)". A conferência acontece já no próximo **dia 29 de Janeiro, pelas 21h00, na Sala da Assembleia Municipal de Loulé, Edifício Eng<sup>o</sup> Duarte Pacheco.**

**III Seminário  
“Exclusão Digital na  
Sociedade de  
Informação”**

**30 e 31 de Janeiro**

A evolução dos meios tecnológicos que hoje se encontram à nossa disposição está longe de poderem ser partilhados por todos. O analfabetismo digital

## EDITORIAL

### Os louvores do Inverno

J. Esteves Rei\*



1. A compreensão do tempo sempre intrigou o homem. Frequentemente, refugiava-se na abordagem poética para sobre ele conseguir pronunciar-se com gáudio e proveito de crianças, adultos e anciães. Era outra forma de, a partir da linguagem, fazer passar os rituais da existência perante esses espectadores da sua casa. Ilustração brilhante disso está nesta passagem de um antigo poema, de autor desconhecido, com cerca de vinte e cinco séculos.

“O tempo conduz cada coisa: tudo arrasta consigo. Os próprios elementos que o constituem sofrem mudanças e as estações rodam. Tanto são os dias que aumentam como são as noites. Há um tempo para as flores e um tempo para a colheita; e de novo os campos se cobrem de relva espessa.

Há um tempo para a alegria e um tempo para a dor; há um tempo para a vida e um tempo para a triste morte; vão-se o tempo e a hora; o século passa num momento. O tempo dá, tira, diminui tudo à sua passagem. Primavera, Verão, Outono e Inverno, eis o que um ano lega ao seguinte. Todavia, enquanto todas as coisas se renovam, o homem envelhece sem retorno.” ([leitura integral](#))

\* **J. Esteves Rei** - Professor Catedrático de Didáctica das Línguas e de Comunicação, na UTAD, Vila Real, de cujo Conselho Pedagógico é Presidente.

## FIGURA

### **Maria MADALENA Bagão da Silva Biscaia de Azaredo PERDIGÃO\***

Figueira da Foz, 28/04/1923 — Liaboa, 05/12/1989

### **Uma lutadora pela educação musical**



“Frequentou o Instituto de Música de Coimbra tendo concluído, no final do ano lectivo de 1936-1937, o 6<sup>o</sup> ano do curso geral de piano, tendo sido aluna de Fernando Lopes Graça. Em 1944, licencia-se em Matemática pela Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra, ingressando no ano lectivo de 1945-1946 no curso superior de piano. Em 1948, efectua o

constitui, na Sociedade da Informação, um meio de exclusão social a que temos que dedicar a nossa atenção. No entanto, as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) têm um enorme potencial para promover o desenvolvimento, se utilizadas na resolução dos problemas que a sociedade experimenta. Pretende-se com este [III Seminário](#) promover a discussão e divulgar trabalhos que possam contribuir para o combate à info-exclusão e favorecimento da acessibilidade das TIC. Serão, portanto, aceites comunicações que se refiram a trabalhos científicos e tecnológicos ou que relatem boas-práticas nesta área. **O evento decorrerá em Lisboa, Portugal, no Salão Nobre da Faculdade de Motricidade Humana (FMH).**

**Colóquio "A Escola e o Mundo de Trabalho"**  
**12, 13 e 14 de Fevereiro**  
Propõe-se a abordagem da relação entre ["A escola e o mundo do trabalho"](#), através de três grandes eixos temáticos: 1) a escola e o trabalho (escola e

exame final do 3º ano do curso superior de piano após ter realizado estágio na classe do professor José Lúcio Mendes Júnior, professor da secção de música do Conservatório Nacional.

Entre 1958 e 1974 é directora do Serviço de Música da Fundação Calouste Gulbenkian, exercendo este cargo em regime de gratuitidade de funções. Vai ser responsável pela organização dos treze Festivais Gulbenkian de Música, realizados entre 1958 e 1970, que têm origem no festival de música organizado em 1957, a cuja comissão de honra pertenciam a Marquesa do Cadaval, a D. Elisa de Sousa Pedroso e o maestro Pedro de Freitas Branco. No entanto, ao contrário deste primeiro festival de música, Madalena Perdigão vai ter como ambição a descentralização e o desenvolvimento da cultura musical em Portugal através da sua promoção em todos os extractos sociais da população e não só nas elites. ([leitura integral](#))

---

\* GOMES, Carlos Alberto, «PERDIGÃO, Maria MADALENA Bagão da Silva Biscaia de Azeredo», in António Nóvoa (dir.), Dicionário de Educadores Portugueses, Porto, Edições Asa, 2003, pp. 1065-1067, com adaptações.

## ARTIGOS E COMENTÁRIOS

### Aprender até morrer e morre-se sem saber

Marta Oliveira Santos\*



Esta sabedoria popular impressa nos provérbios é algo que muito deve orgulhar a todos. Afinal não é mais do que a oralidade do nosso povo, dos nossos antepassados!

Quando se fala em aprender e saber, pensa-se de imediato na Escola como centro de aprendizagens e de saberes. Contudo na vida, no dia-a-dia de cada um, fazem-se outras aprendizagens e adquirem-se saberes que complementarizam os da escola. Numa perspectiva diacrónica, a escola, no tempo em que a frequentava como aluna, era um local onde se ia beber a instrução. Os professores (salvo raríssimas excepções) debitavam o seu saber e os alunos tomavam apontamentos, liam e reliam-nos e decoravam. Como a escola não tinha carácter obrigatório, só alguns "sofriam" este processo. A propósito, li algures um artigo de um autor cujo nome não recordo que definia o currículo escolar como, e cito: "uma linha de produção dividida ordeiramente em disciplinas, ensinadas em unidades de tempo pré-estabelecidas, organizadas em graus e controladas por testes estandardizados, destinados a excluir peças defeituosas e a devolvê-las para reelaboração".

mutações do mundo do trabalho; educação e trabalho: dimensões escolar e profissional; escola e inserção profissional); 2) o trabalho na escola (o trabalho dos alunos; o trabalho dos professores; a escola como organização do trabalho); 3) a escola, aprendizagem e experiência (escola e reconhecimento de adquiridos; escola e trabalho: parcerias e alternâncias; escola e aprendizagem ao longo da vida). **Os trabalhos terão início às 9h do dia 12 de Fevereiro, na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.**

**Jornadas Luso-Brasileiras de Ensino e Tecnologia em Engenharia**

**10 a 13 de Fevereiro**

As [Segundas Jornadas Luso-Brasileiras de Ensino e Tecnologia em Engenharia](#) serão um fórum para a abordagem de assuntos técnicos e científicos mais relevantes em relação às áreas de Ensino, Gestão e Projecto, Ambiente, Urbanismo e Energia, Materiais e Processos. Este evento, que se pretende de dimensão internacional, realiza-se alternadamente no

De acordo com esta definição, a escola / o ensino era assim, nos finais da década de setenta. Muitos de nós, professores hoje, sentimo-lo na pele. E não gostámos! Que fizemos para alterar a ordem das coisas? ([leitura integral](#))

---

\* **Marta Oliveira Santos** - Licenciatura em Filologia Românica; colaboradora de várias publicações.

---

## Supervisão Pedagógica

Fernanda Lamy\*

Em jeito de Introdução

O conceito de supervisão pedagógica não é novo, nem surge por imperativos de qualquer espécie pedagógico-didáctica, no entanto, com a implementação da ADD, ele volta a ganhar um estatuto de maior relevância, na medida em que, num contexto de mudança do exercício da profissão docente, surge associado à observação de aulas de todos os professores em geral e não apenas dos que se encontram em formação inicial. Obviamente que esta não é uma situação pacífica e isenta de controvérsia, na medida em que não é uma prática comum e, muito menos, instituída entre os professores, por uma série de razões que não cabem aqui explicar. O certo é que a supervisão pedagógica se insere num novo paradigma de intervenção e acção docente, em que as palavras-chave passam por conceitos como *missão, finalidades, competências, estratégias, responsabilidade e co-responsabilidade, monitorização, avaliação, gestão do currículo e gestão da qualidade*.

1. O conceito de supervisão: o quê? porquê? para quê?

Actualmente, o conceito de supervisão pedagógica ultrapassa cada vez mais as "fronteiras" da formação de profissionais destinados à docência e em formação inicial. Não é por acaso que se diversificam pelas várias instituições de Ensino Superior pós-graduações, mestrados e doutoramentos nesta área; ela surge ainda como tema de uma literatura cada vez mais consistente e lata, realizada por diversos investigadores e autores, que tratam este tema tentando, por um lado, contribuir para a (re)qualificação dos profissionais em exercício que trabalham em educação, e, por outro, unir este objectivo ao da melhoria da qualidade da escola; além disto, e mais recentemente, foi incluída no contexto da ADD (reflexo, também, da insistência crescente na sua importância). ([leitura integral](#))

---

\* **Fernanda Lamy** - Docente na Escola Secundária de Albufeira, na disciplina de Português. Reflexão crítica, no âmbito da formação sobre Avaliação de

Brasil e em Portugal.  
**Serão realizadas no  
Instituto Superior  
de Engenharia, na  
cidade do Porto.**

*Informações sobre os  
eventos anunciados  
deverão ser obtidas  
juntos das respectivas  
instituições  
organizadoras.*

**Direcção:** José Esteves Rei

**Coordenação:** Sérgio  
Portelada

**Redacção:** Eva Gomes e  
Pedro Gentil

**Morada:** Rua Caminho do  
Senhor, 230

4410-083 Serzedo, V. N. Gaia

**Tel.:** 227537800

**E-mail:** ce@asa.leya.com

**Edição:** Edições ASA II, SA



*Desempenho Docente e Supervisão Pedagógica, Centro de Formação de  
Albufeira, Setembro-Outubro de 2008.*

## **A IDEIA DE «CASA DA ESCOLA» NO SÉCULO XIX PORTUGUÊS (1.ª parte)**

Carlos Manique da Silva\*



### INTRODUÇÃO

No século XIX, o edifício onde funciona a escola primária é designado «casa da escola». A expressão, que sugere a dupla imagem de alojamento para o professor e de salas organizadas para receber os alunos às horas das lições, encerra um devir histórico: a transformação de um espaço doméstico num espaço especificamente pensado, desenhado, construído e utilizado para o ensino. Não por acaso, Campagne considera o jardim, o pátio de recreio e átrio «apêndices de uma utilidade incontestável e que dão à palavra casa toda a significação».

São algumas das questões emergentes da afirmação da escola enquanto espaço com «natureza própria», na superação do espaço «natural» do lar, que pretendo analisar no presente artigo. Desde logo, nos projectos de edifícios escolares concebidos na centúria de Oitocentos, perceber a articulação entre áreas destinadas à habitação do professor e reservadas ao ensino. Por outras palavras, de que maneira é assegurada a fronteira entre as duas esferas (lar e espaço público da escola)?

Um outro eixo problemático organiza este estudo – o paradigma abertura/clusura. Para a cronologia considerada, o modelo de escola microcosmos é dominante. Essa concepção ideal tem que ver com a necessidade da escola se tornar um lugar à parte. Desse ponto de vista, o espaço escolar surge em ruptura com o exterior, configurando uma espécie de pequeno mundo da vida real, a partir do qual o aluno lança um olhar inteligível sobre o meio. Assim, algumas interrogações se colocam. Por exemplo, como é moderada a ideia de clausura com as propostas de abertura à natureza? De que modo se conjugam zonas edificadas e não edificadas? Por fim, que factores condicionam a implantação urbanística do edifício escolar? ([leitura integral](#))

\* **Carlos Manique da Silva** - Doutorando da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação de Lisboa.

## **REVISTA DE IMPRENSA**

### **Entrevista a Alice Vieira**

## **“Aconteceu uma coisa terrível na Educação: tudo tem de ser divertido, nada pode dar trabalho”**

Bárbara Wong – *Público*, 19.01.2009

É por causa dos seus livros que Alice Vieira é convidada para ir às escolas. Há 30 anos, falava de “Rosa, minha irmã Rosa” aos alunos dos 3.º e 4.º anos, hoje fala sobre o mesmo livro aos estudantes dos 7.º e 8.º. “Alguma coisa está mal”.

A escritora Alice Vieira começa por dizer que de educação percebe pouco. “Nunca fui professora na minha vida!”, justifica. Mas há três décadas que anda pelas escolas e observa o que se passa no mundo da educação. O retrato que faz, reconhece ser “assustador”: professores com fraca formação, alunos que não compreendem o que aprendem. Defende mais disciplina e mais autoridade para a escola. Quanto à luta dos docentes confessa, bem disposta: “Saúde e Educação seriam os ministérios que nunca aceitaria!”. Teme que se a contestação continuar o ano lectivo possa estar perdido.

Esta é a segunda greve de professores, este ano lectivo. Em que é que estas acções influenciam a qualidade da escola pública? Os professores têm um calão muito próprio e gostava que um professor e a senhora ministra da Educação se sentassem e me explicassem o que é que é a avaliação? O que é que os professores têm que fazer? Para eu perceber! Os professores dizem que têm muitas fichas para preencher. Que tipo de fichas? O que é que a ministra quer fazer com aquilo?

### **Sente que a opinião pública tem as mesmas dificuldades em compreender o que se passa?**

A maior parte não compreende e os professores queixam-se disso mesmo. Eu não quero acreditar que o que se passa é como aquela anedota, em que “todos vão com o passo errado e só o meu filho é que vai no passo certo”. O descontentamento é geral e quando 140 mil professores vêm para a rua, é óbvio que devem ter razão, mas não têm toda. A ideia que tenho, desde o princípio é de que a ministra tem razão em querer que os professores sejam avaliados, mas ela não sabe transmitir o que quer.

Isso reflecte-se no modo como as negociações têm sido conduzidas? Sim, é visível nos vai-e-vem. Agora avalia-se assim e depois já é de outra maneira... As pessoas não sabem muito bem o que é ou não é. A ideia que passa é que os professores não querem trabalhar, que não querem ser avaliados e é fácil veicular essa ideia porque os professores são um grupo complicado. ([leitura integral](#))

---

## **Educação: os critérios da excelência**

Lídia Jorge – *Público*, 09.01.2009

### **A titularidade foi dada a professores bons, excelentes, maus e muito maus. Não premiou nada, porque baralhou tudo**

1. Ficarão por muito tempo célebres os braços-de-ferro que Margaret Thatcher manteve com os sindicatos do Reino Unido, como conseguiu vencê-los, e como à medida que os humilhava, mais ia ganhando o eleitorado do seu país. Na altura a primeira-ministra britânica era a voz da modernidade liberal, criou discípulos por toda parte, e ainda hoje, apesar do negrume da sua era, há quem se refira à sua coragem como protótipo da determinação governativa. Mas neste diferendo que opõe professores e Governo, está enganado quem associa o seu perfil ao de Maria de Lurdes Rodrigues. Se alguma associação deve ser feita - e só no plano da determinação -, é bom que o faça directamente com a pessoa do primeiro-ministro.

De facto, a equipa deste Ministério da Educação tem-se mantido coesa, iniciou reformas aguardadas há décadas, soube transferir para o plano da realidade as mudanças que em António Guterres foram enunciadas como paixão, conseguiu que o país discutisse a instrução como assunto de primeira grandeza, fez habitar as escolas a tempo inteiro, fez ver aos professores que o magistério não era mais uma profissão de part-time, arrancou crianças de espaços pedagógicos inóspitos, e muitos de nós pensámos que a escola portuguesa ia partir na direcção certa. Quando José Sócrates saía com todos os ministros para a rua, nos inícios dos anos lectivos, via-se nesse gesto uma determinação reformista que augurava um caminho de rigor. Não admira que o primeiro-ministro várias vezes tenha falado do óbvio - que era necessário determinar quem eram, na escola portuguesa, os professores de excelência. Era preciso identificá-los, promovê-los, responsabilizá-los, outorgar-lhes credenciais de liderança. Era fundamental que se procedesse à sua escolha. Mas a sua equipa legislou sobre o assunto e infelizmente errou. ([leitura integral](#))

---

### **E se o Ronaldo não jogasse futebol?**

Helena Matos – *Público*, 2008.01.15

A "escola inclusiva" criou assimetrias sociais tremendas e converteu os filhos dos pobres em bodes expiatórios. Claro que não havia gala. Nem festas. Nem fogo-de-artifício. Não só não era o melhor do mundo como, à partida, todos os dias, professores e padres, políticos e sociólogos, juizes e jornalistas, usariam e abusariam de um conjunto de estereótipos que não só explicavam o seu falhanço como muito provavelmente o condenavam à partida a ser um falhado. Ou mesmo um delinvente. O pai alcoólico, a violência doméstica,

os baixos rendimentos da família e a separação dos pais seriam explicações mais que suficientes para que nada se esperasse dele na escola. Nem sequer bom comportamento! Curiosamente, tudo aquilo que explicaria o seu insucesso na escola torna-se um argumento para o reforço do seu carácter e da sua performance quando se fala de futebol. Os artigos sobre a sua infância e adolescência tornaram-se, graças a uns jornalistas em transe místico-futebolístico, numa espécie de conto do Dickens adaptado aos tempos modernos: o pai tinha problemas com o álcool e um outro parente com a droga? Eis então o jovem Ronaldo a abominar esses vícios. A família deixou-o vir sozinho para Lisboa? Eis uma opção a louvar porque de cada vez que ligava para casa, a chorar com saudades, e não o deixavam desistir, aprendia que há que fazer escolhas. Os colegas gozavam com o seu sotaque madeirense? Havia que trabalhar para ser melhor do que eles. E assim sucessivamente até chegar ao triunfo. Desconheço a real importância destes episódios na vida de Cristiano Ronaldo, mas, a bem da verdade, diga-se que dificilmente uma escola poderia impor aos seus alunos o mesmo rigor que os treinadores impõem aos candidatos a jogadores profissionais, pois logo se vaticinariam mil traumas às crianças em causa. O reverso de a escola não esperar grande coisa destes alunos é que lhes exige pouco e não lhes impõe nada. ([leitura integral](#))

## EFEMÉRIDES

Dia	Ano	Referência
16	1220	Degolados, em Marrocos, os franciscanos Vital, Berardo, Pedro, Acúrcio, Adjuto e Otão, mais tarde os Santos Mártires de Marrocos.
	1920	Senado e Congresso dos EUA aprovam a lei Seca, contrariando o presidente Wilson.
	1973	EUA e Vietname do Sul declaram o cessar-fogo para a concretização de um tratado de paz com o Vietname do Norte.
	1979	O Xá do Irão, Reza Pahlevi, é forçado a abandonar o país, após meses de conflitos.
	1991	Presidente norte-americano George Bush dá luz verde à operação Tempestade no Deserto. Os EUA lideram uma "grande coligação" (29 países), para libertar o Kuwait, invadido e anexado pelo Iraque cinco meses antes.

17	1547	O grão-duque de Moscovo, Ivan, O Terrível, é coroado "czar de todas as Rússias".
	1773	O explorador britânico James Cook atravessa, com dois navios (Resolution e Adventure) o Círculo Polar Antártico.
	1991	Começa a operação Tempestade no Deserto, também designada Guerra do Golfo.

**Efemérides:** 16 a 31 de Janeiro ([PDF](#))

### **DÊ O CORREIO A LER A UM COLEGA.**

[Clique aqui e envie-nos a mensagem que surgir,](#)  
se não quiser continuar a receber este boletim.